

**ODENIR NADALIN JÚNIOR
MEDICINA / 4º PERÍODO
ESCOLA DE MEDICINA
PUCPR**

ECOS DE UMA ECOLOGIA INTEGRAL: POR UMA ÉTICA PLANETÁRIA

Concurso “*Você ~~não~~ concorda com o Papa Francisco? Por quê?*” promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e o Instituto Ciência e Fé da Pontifícia Universidade Católica do Paraná

**CURITIBA
2015**

ECOS DE UMA ECOLOGIA INTEGRAL: POR UMA ÉTICA PLANETÁRIA

NADALIN JÚNIOR, Odenir (PUCPR).
onjctba@hotmail.com, (41)98195595.

1 INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios éticos da sociedade contemporânea tem a ver com o desgaste ambiental e com as ameaças às diferentes formas de vida. Muito dessa crise está relacionada ao novo paradigma tecnológico e às formas de poder – também econômicas e políticas – que dele derivam, as quais, por exemplo, têm aumentado a capacidade de o homem alterar a natureza e a vida de maneira geral. Os modelos éticos tradicionais, que estiveram em vigor até o século XX, não dão mais conta desse novo cenário da civilização tecnológica. Hoje, com a entrada da questão do futuro no campo ético, a ética deve alargar os seus horizontes. Todos os modelos que vigoraram até então estiveram pautadas no presente, e a ação se dava entre aqueles com os quais convivemos no aqui e no agora. Por exemplo, na ideia cristã do amor ao próximo, o meu próximo é alguém visível e palpável. Falar em ética ambiental, no entanto, é falar em gerações do futuro, o que coloca no âmbito ético pessoas com as quais nós não temos relação alguma, com as quais não há vínculos de reciprocidade, e muitas das quais ainda nem nasceram. Ademais, há o problema da natureza. Em si mesma, foi considerada pelas éticas tradicionais como eticamente neutra: não havia nenhum poder ou possibilidade de intervenção que colocasse em risco a sua continuidade. Consideramos que se faz necessário “um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental que vivemos e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós” (FRANCISCO, 2015, p. 16)

É em Noé, escolhido do Criador que encontramos a personificação atemporal do reconciliador ético. No mito bíblico, Noé acreditar ter recebido do Criador a tarefa de construir uma grande arca que resistirá a um dilúvio que acabará com a vida humana na Terra – uma espécie de castigo à humanidade perdida. Embarcarão nessa arca, juntamente a Noé, sua família e um casal de cada espécie animal. Com relação ao extermínio objetivado pelo dilúvio, a narrativa revela, *em uma primeira análise*, o Criador como um ser supremo e vingativo, uma espécie de juiz que condena o réu à danação por suas ações em vida. Quando a humanidade desobedeceu as suas ordens por sucessivas gerações desde Adão e Eva, Deus a

castiga com a morte. Em Noé, a morte pode ser entendida a partir da ideia de catástrofe ecológica, cuja causa última acreditamos residir na ruptura entre Criador e criatura, e criatura e ambiente. É dessa ruptura que se forjou um homem destruidor, o qual perdeu a harmonia e a capacidade do cuidado. Mas o Deus de Noé, *em segunda análise*, é aquele que se propõe a, junto com a humanidade, reconstruir o Jardim do Éden, permitindo a continuação da presença do homem sobre a Terra. Feito noés, os humanos teriam na tomada de consciência de sua missão a chave para uma existência que dribla os limites éticos entre uma ecologia integral e o paradigma do utopismo tecnológico nas mais diferentes culturas: é possível unirmo-nos todos numa ética planetária em vista dos cuidados da nossa casa comum?

2 DESENVOLVIMENTO

O apelo ecológico ganhou no Papa Francisco uma de suas mais novas vozes. Lançada em meados de 2015, a Carta Encíclica *Laudato Si – Sobre o cuidado da casa comum*, de sua autoria, recolocou no debate público a questão do cuidado ambiental, porém dentro de um novo paradigma ecológico de integralidade. Francisco não o fez na qualidade de mestre ou doutor da fé, mas como um zeloso pastor que, inspirado na figura do Francisco de Assis, santo patrono da causa ecológica e dos animais, tem seus ouvidos tocados pelos “gemidos da criação” (cf. Rm 8,22), exortando, como em um novo cântico, todas as pessoas a uma “conversão ecológica” (2015, p. 125) que assuma a responsabilidade de um compromisso para o *cuidado da casa comum*.

Para isso, Francisco parte da convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo. O paradigma da modernidade fragmentou e compartimentalizou os saberes, perdendo o sentido de totalidade. Assim, um utopismo tecnológico que nos propõe a resolução dos problemas ecológicos se faz insuficiente por isolar as coisas que estão sempre conexas, resistindo a integrar-se numa visão mais ampla da realidade. Esquecemo-nos, muitas vezes, que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2,7) e que, como afirmam Moltmann & Boff (2014) “todos os seres, especialmente os vivos, são interdependentes e expressão da vitalidade do Todo, que é o sistema-Terra. Por isso, todos nós temos um destino compartilhado e comum”.

Para Francisco, “visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros” (2015, p. 31). Trata-se de reconhecer o valor intrínseco de cada ser e de compreender que a ecologia deve ser integral: está ligada ao “amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade” (2015, p. 59).

Assim, uma abordagem verdadeiramente ecológica sempre se torna uma abordagem social, integrando a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres. Isso porque os frutos da terra, nossa herança comum, devem beneficiar a todos. O Papa, nesse sentido, nos convida a procurarmos outras maneiras de entendermos a economia e o progresso. Urge uma economia mais atenta aos princípios éticos, que regule a atividade

financeira especulativa e a riqueza virtual, e que favoreça a diversificação produtiva e a criatividade empresarial, em especial dos trabalhadores mais frágeis e excluídos. Isso porque, por si mesmo, o mercado não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social. Da mesma maneira, nem todo avanço tecnológico promove melhorias na qualidade de vida. Para Buarque (1994), "a humanidade em muitos aspectos regrediu do ponto de vista de sua marcha para a utopia. Diferentemente do que se imaginava, as técnicas não eliminaram a fome, a violência e a ignorância e ainda serviram para aumentar a desigualdade entre os homens".

Francisco defende a necessidade de debates sinceros e honestos, afastados de viés político, econômico ou ideológico, e que não se limitem a considerar o que é permitido ou não por uma determinada legislação. Acreditamos que as políticas ambientais não bastam porque, legalistas, arbitrárias, punitivas e utilitaristas, não chegam a produzir cultura, se limitando a projetos de governo e ideologias. Ao contrário, é necessário um debate que migre de uma ética normativa para uma ética de princípios, pois estes, não sendo efêmeros, são incorporados a uma determinada cultura. O embate ecológico, nesse caso, é no campo cultural. Uma cultura consumista, por exemplo, ao dar prioridade ao curto prazo e aos interesses privados, favorece análises demasiadamente rápidas ou consente a ocultação de informações, prejudicando o bom prognóstico do debate.

O Papa também chama a atenção para a grave responsabilidade da política internacional e local. Destacamos dois pontos que achamos fundamentais nesta abordagem. O primeiro leva em conta que apesar de o debate estar dominado muitas vezes pelos interesses dos mais poderosos, as necessidades dos pobres, fracos e vulneráveis possui responsabilidades diversificadas. Não haveria barreiras políticas ou sociais que permitissem o nosso isolamento, numa espécie daquilo que Francisco chama de "globalização da indiferença" (2015, p. 37). O outro ponto está relacionado à ECO-92, conferência internacional realizada em 1992 no Rio de Janeiro, que trouxe críticas à ideia neomalthusiana de ecologia e introduziu a tese do desenvolvimento sustentável. Contudo, defendemos aqui que a política deve fazer uma opção fundamental pela sustentabilidade. Isso porque ela é uma categoria extraída do universo da biologia, e necessária, pois não há como sobreviver sem ela. Ao contrário, o desenvolvimento é concebido dentro da visão moderna e capitalista, a qual o distorce para sinônimo de crescimento econômico (desenvolvimentismo).

No capitalismo, a busca pelo poder e dominação possível é refém de dois mitos: é entendida como ilimitada e ininterrupta. É nesse sentido que acreditamos que a sociedade deve fazer uma opção pela sustentabilidade, preferindo a justiça econômica e social, propiciando a todos uma subsistência significativa, segura e ecologicamente responsável. Caberia aos Estados a adoção de planos e regulamentações de sustentabilidade em todos os níveis, e o estabelecimento de padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.

Com relação à cultura do descarte, que afeta tanto os excluídos como as coisas, que rapidamente se convertem em lixo, Francisco propõe um novo estilo de vida. Trata-se de uma “conversão ecológica”, na qual a humanidade é chamada, dentro de um contexto de grande desigualdade, a tomar consciência do sentido da responsabilidade pelos nossos semelhantes e pelo planeta, nossa casa.

Em parte, isso é uma questão educativa. É no processo educacional que o ser humano se torna um ser integrado ao cosmos, virtuoso e comprometido com a vida. A educação, por si só, sem uma consciência política crítica, não é garantia para melhorar o mundo. É preciso que ela seja emancipadora, libertária e aberta ao transcendente. No caso da ecologia, é importante percebermos como a matriz de pensamento dificulta as questões ambientais. Por isso é preciso que a Universidade ensine o estudante a pensar e projetar outro mundo possível. A transformar os saberes fragmentados e especializados em inter-relações, pois inter-relacionada é a ecologia. A pensar ações coletivas dentro de sua área de formação, ao invés de ações individualistas e solitárias. A entender o homem como parte da natureza, não como seu dono. A promover o humanismo e a humildade, ao invés do racionalismo, do tecnicismo e da arrogância científica. Pensar ações que exijam pensamentos em longo prazo, ao invés do imediatismo. Nesse sentido, acreditamos que a educação formal é responsável por integrar os conhecimentos, habilidade e valores necessários para um modo de vida sustentável, oferecendo a todos, especialmente às crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para a sustentabilidade, promovendo o auxílio das artes e humanidades, assim como das ciências, na educação para a solidariedade, e reconhecendo a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua Carta Encíclica, o Papa Francisco, portanto, pretende esmiuçar a íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta, anunciando um sentido humano da ecologia e inaugurando seu caráter integral. Ele está convicto de que todos nós, juntamente a todos os seres do universo, estamos unidos por laços invisíveis e “formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (2015, p 58).

A Carta da Terra, documento finalizado no ano 2000 e citado na Encíclica, situa todo ser humano na responsabilidade universal, identificando-o com a comunidade terrestre bem como com sua comunidade local: “devemos reconhecer que no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum”. Ela propõe uma série de princípios que visam proporcionar um fundamento ético planetário, através de um modo de vida sustentável. Para Francisco, apesar do convite que a Carta nos faz para recomeçar e deixar para trás uma etapa de destruição, ainda não desenvolvemos uma consciência universal que torne possível superarmos essa espécie daquilo que aqui chamo de “antigênesis”.

Vale retomar nesse ponto a teologia da criação, que, em uma interpretação equivocada, nos fez crer que éramos proprietários e dominadores da terra e da natureza, autorizados a saqueá-las. Porém, é o Deus de Noé, segundo *nossa análise*, quem se propõe a nos incluir na obra criadora de reconstrução do Jardim do Éden. Este paraíso consiste na promessa de um futuro que ainda virá, pois, conforme Bloch (1947), “o gênesis está no fim e não no começo”. É nesse processo de constante recriação que a liberdade e a consciência do homem se fazem necessárias. Boff (2015) nos alerta que “desta vez não haverá uma arca de Noé que nos salve a alguns e deixe perecer os demais. Os destinos da Terra e da humanidade coincidem: ou nos salvamos juntos ou sucumbimos juntos”. Assim, um novo imperativo ético para uma consciência planetária é que, no retorno à Terra da qual se exilou, o homem seja convidado a tornar-se seu verdadeiro e necessário cuidador, fazendo ecoar, a exemplo do Francisco de Roma, o *cântico profético* de uma ecologia integral.

4 REFERÊNCIAS

ADITAL. '**Ou mudamos ou morremos**', alerta **Leonardo Boff**. Disponível em: <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=78300>>. Acesso em: 23 set. 2015.

BLOCH, Ernest. **O princípio Esperança**. São Paulo: Contraponto, 2005. p. 81.

BUARQUE, Cristovam. **A aventura da universidade**. São Paulo: Paz e Terra & UNESP, 1994. p. 14-15.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato Si – Sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulus, 2015.

MOLTMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. **Há esperança para a criação ameaçada?** Petrópolis: Rio de Janeiro, 2014.